

*A terra perde-se longe,  
lá onde os olhos se perdem também,  
longe...  
Lambem o chão ervas rasteiras;  
dobram-se, humildes, giestas e piornos  
sob o vento suão que vem de Espanha,  
e queima o trigo e os rostos  
com o sôpro do inferno.*

*A terra é uma queimadura viva:*

*Uma azinheira raquítica, calcinada,  
grita nos ramos torcidos  
a sede das suas veias...*

*Do homem, como única condição,  
a luta de cada dia  
pela fome do seu pão.*

*No horizonte distante,  
dobrados e vencidos, os sobreiros,  
são uma fila de escravos açoitados.*

JOAQUIM NAMORADO.

*Nem a lua no céu,  
Nem o luar nas ondas,  
Nem um barco de velas pandas,  
Nem uma canção de marinheiro...  
O mar é um deserto escuro,  
Mole, profundo e traiçoeiro.*

*Dantes, oh marujo sonhador!...  
Era uma mulher em cada pôrto,  
Que marcava no teu corpo,  
— Em troca dum filho ou dum abôrto —  
Com beijos sensuais de tatuagem  
A nudez da sua imagem...*

*Dantes, oh heróico pescador!...  
Eram as tuas rédes sempre cheias  
Com o sangue das tuas veias,  
E o sal do teu suor,  
E na praia a tua companheira,  
Esperando o teu amor.*

*Dantes, oh trabalhadores do mar!...  
Era ainda lançar ao Mar a sorte;  
Hoje, nada podeis mais esperar:  
Terra ou Mar é sempre Morte...*

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA.

(Continuação da página anterior)

soas) semão a de occultar as realidades mais evidentes. Não se pode falar em História da vontade do homem; são vontades e interesses contraditórios, é a divergência das vontades, é a inviabilidade dum desejo de todos, o que dá à acção das leis económicas uma grande parte da sua força.

Coordenar a vontade dos homens com as próprias leis de evolução histórica não é desprezar aquela como factor do devir, é antes valorizá-la, torná-la potente e operante. Na sua milenária existência o homem só pode furtar-se aos encontros da História e da Natureza canalizando em seu proveito as forças que os provocam. Tal como o cientista que analisa as leis da natureza para as utilizar, os materialistas procuram no estudo objectivo da existência humana a técnica profícua que porha nas mãos dos homens as rédeas do seu destino. Daí o carácter científico do materialismo; a acção proselitica faz parte duma técnica e não é uma rota lendária de reis Magos chamados dos confins do horizonte pelo débil bruxulear da estrêla Ideal.

Incalculavelmente mais do que a vontade dos homens tem sido a sua falta de vontade o que tem desempenhado um papel fundamental no decorrer dos accidentes que formam a sua existência. Mas mesmo assim nunca poderemos basear na preparação dessa vontade o devir colectivo, antes deveremos, ao inverso, basear nas leis deste a preparação daquela. Isto todavia é apenas um aspecto dum problema mais vasto que, devendo ser classificado como uma questão técnica, um problema de meios e não de concepções, de tal modo se liga e deriva tão imediatamente das próprias concepções que a sua solução já está implicada nas generalidades que vimos de enunciar.

A preparação dos homens para este ou aquele molde de vida não é um trabalho de teorização, de apostolado pedagógico, como alguns pensam, mas um objectivo a que só nos pode levar a experiência, a prática da própria orgânica histórica para que nos preparamos. E isto significa exactamente o contrário do que se nos atribui; significa que não pretendemos modificar a mentalidade humana pelo mesmo método de que se serviam as mãos chinesas para dar aos pés das suas filhas a configuração que a noção tradicional de belo lhes

impunha. O lugar essencial que o materialismo dá às leis de evolução histórica desmentiria (se certo exemplo prático o não tivesse já feito melhor do que todos os argumentos) o artificialismo que nos imputam. O papel que muitos pretendem conferir à educação preliminar dos homens, à sua preparação animada como base da modificação da sua existência histórica, não passa dum absurdo perigoso, dum «dorme que eu vello» lançado dos gabinetes dos moralistas, com uma ingenuidade ao mesmo tempo burlesca e criminosa, a um mundo em convulsões de parto. É que a simples realização das condições necessárias ao asseguramento desse apostolado pedagógico, na sua existência, manutenção e eficiência, implicava por si só a criação de grande parte dos moldes de vida a que nos pretendia conduzir.

Nas suas linhas gerais aqui tem o leitor o papão temível com que se lhe tem querido meter medo. Mas quando dizem que o materialismo é uma afronta à «divindade do homem» porque supõe este dirigido e tiranizado por forças materiais que lhe são exteriores, os idealistas, esquecem que essas forças materiais são aquelas cujo reinado elles prolongam desprezando as relações de carácter maternal entre os homens, as soluções que elas nos fornecem para o problema humano. O homem, na sua história, não é dominado de fora por forças independentes dele; as forças materiais que o manejam na sua caminhada no tempo, não são comparáveis ao terramoto que lhe destrói as cidades, à chuva que lhe inunda os campos, ao temporal que lhe danifica as searas; essas forças que o dominam têm um nome: são o próprio Homem.

Poderemos resumir todo o determinismo económico numa simples frase: os homens determinam o homem. Onde existe um ser humano há apenas necessidades físicas e espirituais; mas onde se juntam varios homens, onde se constitui uma multidão gregária ou uma sociedade, criam-se necessidades sociais, cria-se um destino comum, criam-se relações materiais entre eles, e o homem deixa de ser um individuo biológico para se tornar um ser social, metade é o próprio, metade sociedade. E para o género humano «sociedade» tem querido sempre dizer estrutura económica.

ALBERTINO GOUVEIA